

Reação do Brasil distoa de emergentes

Desvalorização do real ocorreu quando a economia já estava em recessão e havia deflação

DENISE NEUMANN

Muitas das projeções feitas para a economia brasileira no início do ano foram baseadas nos resultados obtidos e sofridos por outros países que passaram por desvalorizações semelhantes à do Brasil. A comparação pura é simples com outros emergentes mostrou-se um erro.

Uma comparação feita pelo sócio da Tendências Consultoria Integrada, Nathan Blanche, mostra claramente as diferenças que havia entre a realidade brasileira e de México e Coréia. Quando o Brasil deixou o câmbio flutuar, o Produto Interno Bruto (PIB) já estava em recessão. No ano anterior, o crescimento foi de apenas 0,1% e os dois últimos trimestres de 98 já foram recessivos. No México, a economia crescia a um ritmo de 4,5% e na Coréia, 7,10% na mudança cambial.

A inflação também era muito diferente. “No Brasil, o índice de preços ao consumidor registrava deflação de 1,8% (variação anual) no mês anterior ao da desvalorização”, aponta Blanche, no trabalho *A superação da desvalorização cambial*. Tanto Coréia como México apresentavam, no mês que precedeu a alteração na moeda, variação de preços ao consumidor muito mais alta: 4,24% e 7,05%, respectivamente.

“A economia brasileira se mostrou muito pouco indexada e muito mais competitiva do que se imaginava”, afirma Roberto Padovani, também sócio da Tendências. “Isso provocou muita dificuldade no repasse de preços”, acrescenta.

Os efeitos da desvalorização cambial no Brasil aberto eram um fato novo para os analistas, observa Odair Abate, economista-chefe do Lloyds Bank. As outras desvalorizações ocorreram quando a economia era pouco competitiva, indexada e a sociedade aceitava com facilidade reajustes de preços. Por isso, México e Coréia foram usados como indicadores do que podia ocorrer aqui e algumas diferenças não foram percebidas, avalia.

Uma delas, diz, foi o efeito da queda do preço das commodities na inflação interna. Assim como a queda de preços internacionais afetou as receitas de exportação, ela ajudou a reduzir os preços internos de alimentos, diz Abate.

“Os paradigmas de produção mudaram”, diz José Roberto Mendonça de Barros, ex-secretário-executivo da Câmara de Comércio Exterior (Camex). “O papel dos supermercados cresceu; eles hoje possuem uma maior participação na oferta global de bens”, acrescenta. O consumidor, diz, passou a idéia de que preferia trocar de marca a pagar mais caro por um produto. “E os supermercados correram o risco de não ter a marca líder na prateleira e ganharam a briga pelo não-repasse dos preços”, avalia. Ele não espera mais recessão. O PIB deste ano deve ficar igual ao de 1998. Antes, previu 1,8% de queda.

“O consumidor não sancionou aumentos de preços e os custos da desvalorização tiveram de ser absorvidos ao longo da cadeia produtiva”, pondera Newton Rosa, economista-chefe da MCM Consultores. Por isso, diz, a inflação está sendo maior nos índices de atacado que ao consumidor. O IPA, da FGV, acumula alta de 10,8% até maio, enquanto o IPC da Fipe soma 2,6% no mesmo período.

BRASIL, MÉXICO E CORÉIA PRÉ-CRISES...			
Indicadores antecedentes à desvalorização cambial			
Indicador	Brasil	México	Coréia
Crescimento % PIB real	0,10%	4,50%	7,10%
Taxa de desemprego	7,13%	3,80%	2,00%
Dívida externa de curto prazo (% do total)	9,30%	n.d.	50,20%
Empréstimos bancários % do PIB	23,58%	n.d.	61,81%
Inflação (CPI)	-1,79%	7,05%	4,24%
Déficit em conta corrente	-4,50%	-7,90%	-1,90%
...E APÓS A DESVALORIZAÇÃO DE SUAS MOEDAS			
Indicadores após a desvalorização cambial			
Indicador	Brasil	México	Coréia
Crecimento % PIB Real (no ano seguinte)	-1,5%	-6,2%	-5,5%
Desvalorização cambial (nos 3 meses seguintes)	29,81%	41,00%	39,67%
Inflação (acumulada nos 3 meses seguintes)	2,50%	14,54%	6,75%
Taxa de desemprego (nível 3 meses após)	8,92%	5,70%	6,50%
Produção Industrial (nível 3 meses após)	-3,10%	-4,61%	-9,12%
Fonte: banco de dados Tendências		* projeção para o ano de 1999	

Arifstado